



## POPULAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CIDADE DE CAJAZEIRAS-PB

Josenilton Patrício da Rocha<sup>1</sup>, Grazielle Ferreira de Almeida<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é uma introdução ao estudo das pequenas cidades. O objetivo principal foi a identificação, análise e explicação da organização espacial da cidade. Para tal parte-se do pressuposto de que a atual conformação da cidade resulta de novas forças que operam em escala mundial e que se reproduzem no lugar. Nesse processo preponderam as condições sócio-econômicas da população como os vetores que definem tanto o processo de organização como o de reorganização do espaço urbano, definindo a cidade. Como estudo inicial o recorte espacial limitou-se a dois bairros da cidade. Para tal utilizar-se-á como referencial teórico a noção de espaço geográfico como sistemas de objetos e sistemas de ações proposto por Milton Santos em sua obra "A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção" publicada em 1996. Para o conhecimento da realidade da população aplicou-se 120 questionários no intuito de traçar um perfil socioeconômico da população.

**Palavras-chave:** geografia urbana, pequenas cidades, população

## POPULATION AND SPATIAL ORGANIZATION OF THE CITY OF CAJAZEIRAS-PB

### ABSTRACT

This work is a introduction to study of the little cities. The principal objective was identification, analysis and explanation of the spacial organization at the city. Introduction of the presupposition that produce in world scale and reproduce in place. In this process overcrow conditions social and economics of the urban space defined like city. As the initial study the spatial cutting limited two district of the city. For this to use like theoretical reference concept of geographic space like objects systems and actions systems proposed by Milton Santos in his "The nature of space . Technique and time . Reason and emotion" published in 1996. Knowledge of reality of populations was applied 120 questionnaires in order to provide a socioeconomic profile of the population.

**Keywords:** urban geography, towns, population

---

<sup>1</sup> Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: [josenil@ufrg.br](mailto:josenil@ufrg.br)

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: [zifly@hotmail.com](mailto:zifly@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, os estudos sobre a cidade e o urbano, têm privilegiado as cidades grandes e médias. Os pequenos centros urbanos, sobretudo aqueles localizados no interior, somente recentemente têm recebido atenção por parte dos geógrafos. Até bem pouco tempo os estudos realizados enfocavam, sobretudo, as relações cidade x cidade e/ou cidade x campo e àqueles que enfatizam a vida social, ou como preferem alguns autores, “a cidade vista por dentro” destacando a reprodução da sociedade. No primeiro caso, observa-se que estes estudos, além de se encontrarem de forma relativamente embrionária, têm dado uma grande ênfase para os aspectos concernentes, sobretudo, a centralidade exercida por determinadas cidades e a formação de uma rede urbana hierarquizada, ou seja, aspectos relacionados com a dinâmica interurbana. No segundo caso, ainda que sejam numa perspectiva intraurbana, é o cotidiano, ou seja, um estudo numa perspectiva da geografia cultural. Estes aspectos são insuficientes para explicar a organização espacial da cidade.

Nas últimas décadas, entretanto, as novas formas de produzir, reflexo, sobretudo, do grande avanço tecnológico assistido pela sociedade humana e das novas formas de organização da sociedade capitalista, têm resultado em significativas mudanças no processo de organização e reorganização do espaço geográfico, o que inclui, também, as pequenas cidades. Neste sentido, observa-se tanto de modo geral como também específico, um vazio no que se refere à estudos que abordem a organização intraurbana desses pequenos centros numa perspectiva do movimento global da sociedade.

As pequenas cidades, embora em escala distinta, têm refletido na sua organização muitos dos processos que outrora eram exclusivos das cidades grandes e médias. Como exemplos podemos citar os problemas relacionados à segregação socioespacial, o crescimento demográfico e espacial, ocupação de espaços impróprios, invasões de espaços públicos, entre outros. Na realidade, como afirma SANTOS, M. (1996), hoje “o lugar é um espelho do mundo e é através dele que podemos ver o mundo empiricamente”. Quando o autor se refere ao “lugar”, ele não está fazendo referência apenas as grandes cidades ou as cidades médias. Vivemos hoje em um mundo globalizado. A nova ordem mundial se define, entre outros aspectos, por uma política voltada não somente mais para a exploração do homem, mas, sobretudo, para a exclusão social.

A Nova Ordem é mundial e todos os lugares, ou pelo menos grande parte dos espaços habitados pelo homem, recebem os impactos dessa Nova Ordem ainda que estes sejam de intensidade diferenciada. Neste aspecto, vale ressaltar que no grupo de países que formam o denominado Terceiro Mundo estes não somente são mais intensos como também são mais visíveis. Como afirma DAVIS, Mike (2006), em seu livro “Planeta Favela”, destacando as questões referentes ao crescimento das cidades e ao empobrecimento de suas populações no Terceiro Mundo, “as políticas implementadas pelas grandes potências mundiais a partir da década de 1980 tiveram o efeito de um tsunami na América Latina, África e Ásia. Os Planos de Ajuste Estrutural (PAEs) impostos às nações endividadas no final dos anos 1970 e na década de 1980 (Harvey, D), exigiram a redução dos programas governamentais e, muitas vezes, a privatização do mercado habitacional.

Nesta Nova Ordem o papel do Estado é o de “capacitador do mercado” ou de “liberar as barreiras que restringem a produtividade dos agentes econômicos”, o que resulta no desmantelamento da indústria nacional e conseqüente desemprego e pobreza (DAVIS, Mike, 2006). Tanto o FMI quanto muitas das agências internacionais de desenvolvimento impõem condições para emprestar dinheiro determinando a reestruturação de órgãos de governos municipais, estaduais e federais e orientando suas práticas. Estes empréstimos sobrecarregam a dívida, que é o garrote onde emperra o investimento em políticas públicas, já que constituem gastos e, de acordo com os PAEs, devem ser contidos. As forças da globalização que engendraram a reestruturação dos Estados nacionais, com base nas propostas já conhecidas de livre mercado, permitiu além da destruição de diversos parques industriais nacionais, flexibilização das importações, redução dos gastos públicos, privatização dos serviços públicos, desregulamentação agrícola, desregulamentação do mercado, entre outras condições. Resultou, igualmente, em um empobrecimento de grande parte das populações nos países do Terceiro Mundo.

O crescimento das cidades e o empobrecimento de suas populações no Terceiro Mundo, entretanto, não foi exclusivo dos grandes e médios centros urbanos. Um rápido olhar para as pequenas cidades é suficiente para constatar que nestes espaços, além de apresentarem, como afirmado anteriormente, muitos dos aspectos comuns aos médios e grandes centros urbanos, o Mundo tem-se reproduzido de maneira fiel. Os impactos, sobretudo os negativos, da nova Ordem Mundial, materializada nestas formas-conteúdo, como denomina Milton Santos no seu livro “A natureza do espaço. Técnica e

tempo. Razão e emoção (1996)”, além de não excluir nenhum desses espaços, têm representado as principais formas de organização e reorganização da cidade, o que inclui as pequenas cidades.

Trabalhar com as cidades pequenas, como afirmado anteriormente, não tem encantado muito os olhos dos geógrafos. A exceção pode ser verificada quando existe uma atividade econômica importante como é o caso do agronegócio que tem dinamizado algumas cidades pequenas e médias, como é o caso do vale do Acaraú, os tabuleiros de Russas e da Chapada do Apodi nos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, com a fruticultura ou mesmo as cidades da soja, do algodão, do milho, etc., encontradas no oeste baiano e na região centro-oeste do país. Como afirma ELIAS, D. (2006), referindo-se as cidades médias também denominados de “pontos luminosos” a territorialização do capital e a oligopolização do espaço, resultado da nova ordem mundial, têm promovido profundos impactos socioespaciais, quer no campo quer nas cidades.

Tradicionalmente, ao tratar-se do processo de produção e organização da cidade se considera como principais atores responsáveis por este processo os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, o Estado, os promotores imobiliários e os excluídos sociais. Nos últimos tempos, entretanto, fatores exógenos, têm permitido novas indagações sobre a organização das cidades, neste caso, especificamente, das pequenas cidades. Se o lugar é um espelho do Mundo como afirmado anteriormente, ou seja, se o Mundo se reproduz no lugar, quem são estes novos atores, ou quais são as forças responsáveis pela conformação e organização do espaço urbano? Também se pode perguntar o que é que vem definindo este processo? Esta é a questão central que queremos responder.

A nossa área objeto de estudo é a cidade de Cajazeiras que está localizada na Microrregião homônima, uma das sete que formam a Mesorregião do Sertão Paraibana<sup>3</sup>. Possui uma população urbana de 54.710 habitantes, o que representa 34,82% da população da Microrregião. Este dado lhe confere a posição de cidade com maior população da citada Microrregião que está composta por quinze municípios. A dinâmica do seu setor terciário, tanto pelo seu comércio quanto pelo setor de serviços, por outro lado, lhe confere um importante peso regional o que a define como um “Centro de Zona”. Devido trata-se de uma área relativamente grande, dividimos o nosso estudo em quatro etapas. Para esta primeira, (outubro de 2008 a julho de 2009), nos limitamos á análise de dois bairros localizados na zona norte da cidade.

No que se refere especificamente a atual organização da cidade de Cajazeiras, percebe-se que esta se define, a princípio, por uma grande periferia pobre. Este aspecto reflete, antes de mais nada, o baixo poder aquisitivo de sua população, aspecto este se traduz pela alta densidade habitacional associado a baixos padrões das habitações, conformando uma paisagem urbana marcada por extensas áreas construídas de forma contígua, em sua maior parte ocupando dimensões abaixo dos padrões mínimos necessários para que se tenha o mínimo de conforto. A tudo isso se acrescenta a ausência ou insuficiência de infra-estrutura.

Observamos, igualmente, que as intervenções públicas vêm no sentido de reforçar a Nova Ordem Mundial. As ações se traduzem pelo clientelismo, pela falta de compromisso que se casa perfeitamente com o baixo nível de interpretação da realidade por parte da população. Assim, a permissividade associada ao baixo nível de instrução da população reforça o novo modelo de organização da cidade.

Por fim, entendemos que esta marca na paisagem urbana não pode ser atribuída aos tradicionais agentes responsáveis pela organização e reorganização da cidade. Conforme já colocado anteriormente, se o lugar é um espelho do Mundo, ou seja, se o Mundo se reproduz no lugar, quem são estes novos atores, ou quais são essas novas forças que estão organizando o espaço urbano? Assim, o objetivo geral da presente investigação foi analisar a organização do espaço urbano do município de Cajazeiras tomando-se como base os indicadores sócio-econômicos de sua população, ou seja, o seu conteúdo social, identificando e analisando as formas de apropriação e conformação deste espaço e os fatores que definem este processo. Especificamente, objetivamos a) definir e analisar o perfil sócio-econômico da população urbana b) identificar e mapear os diferentes usos do solo c) identificar e analisar a distribuição da população e, d) identificar e analisar as forças que podem explicar a atual organização do espaço urbano.

---

<sup>3</sup> O Estado da Paraíba está dividido em quatro Mesorregiões Geográficas. São elas: Mesorregião da Mata Paraibana (litoral), Mesorregião do Agreste Paraibano (entre o litoral e a Borborema), Mesorregião do Borborema e, Mesorregião do Sertão Paraibano (IBGE, 2000).

### 3. MATERIAS E MÉTODOS (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

A cidade como forma, o urbano como o conteúdo, o processo de urbanização como um conjunto de processos resultantes das mudanças ocasionadas pela concentração cada vez maior de pessoas vivendo nas cidades e o crescimento urbano como processo espacial e demográfico, resultados da interação sociedade-natureza, refletem a organização do espaço urbano como uma fração do espaço geográfico. Este, por sua vez, se define, antes de tudo, como uma realização humana produto da sociedade em seu devir. Como tal, deve ser abordado em sua vertente espacial. A análise do fenômeno urbano, uma das formas de manifestação da sociedade, deve partir da noção de espaço geográfico.

O espaço geográfico, como objeto de estudo da geografia, tem sido considerado de formas e perspectivas distintas. Como afirma VALCÁRCEL (2000: 337-8), "a lo largo de la historia de la geografía moderna, aunque no haya sido contemplada de igual forma y, tampoco haya sido entendido en los mismos términos ni contemplado con las mismas perspectivas, el espacio ha sido, de una forma u otra, componente significativo de la geografía moderna. En las últimas décadas, entretanto, éste ha representado un concepto clave para la comprensión y explicación de los hechos geográficos, opinión ésta compartida por muchos de nuestros teóricos".

Para SANTOS (1996), o espaço é um dado social e deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido. O espaço reúne a materialidade e a vida que o anima. Este é produzido por uma conjunção particular de processos materiais e processos de significação. A ação é ação em um espaço e é o espaço o que dá forma à ação. A sociedade anima as formas espaciais lhe atribuindo um conteúdo, uma vida.

Para o Autor apud ARROYO (1996: 77), "o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, sinônimo de espaço geográfico". É objeto porque tem um valor, valor que é dado pela sociedade e é ação porque é esta que lhe dá existência, materialidade. A sociedade, através das ações, encontra no território a base para sua realização. São estas mesmas que fazem com que o território deixe de ser simplesmente forma e passe a ser objeto e ação, ou seja, espaço geográfico.

SANTOS, M., em sua obra "A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção (1996)", propõe que o espaço seja considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Trata-se de sistemas de objetos e sistemas de ações visto como um conjunto único. Para SANTOS (op. cit.), esta concepção de espaço permite, ao mesmo tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação como processo e como resultado. O espaço reúne todos os recursos, ou seja, os atores, as leis, a sociedade, os costumes, as regras, por fim, todos os atributos necessários para que a sociedade aconteça, sejam estes de ordem natural, artificial ou humana. O espaço resulta do fenômeno social total. Este se revela como uma síntese da história da apropriação dos recursos pela sociedade e se confunde com esta.

A partir da noção de espaço como um sistema de objetos e sistema de ações, SANTOS (op. cit), propõe dois níveis de categorias analíticas a serem consideradas. São elas: internas e externas. As internas são: *paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdos*. O estudo dinâmico das categorias internas supõe segundo SANTOS, o reconhecimento de alguns processos por ele definido como básicos e originariamente externos ao espaço. São eles: *a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos, a universalidade e a particularidade, a totalidade e a totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação e, por último, os símbolos e a ideologia*. Enquanto estes ocorrem em escala planetária e definem a sociedade e o planeta, as categorias internas representam as variáveis que associadas aos processos básicos definem o lugar. Para efeito do presente estudo se adotará a noção de *espaço* proposto por SANTOS (1996).

Segundo SANTOS (2000: 63, 65 e 105), a história da sociedade humana é a história da superposição de formas criadas em diferentes períodos históricos e a Geografia pode tentar entender o mundo através das formas geográficas já que, segundo sua aceção, a sociedade se realiza através das formas geográficas e estas aparecem como uma condição da ação, como meio de existência; com a presença da ação, a forma passa a condição de forma-conteúdo. Enquanto as ações se cristalizam como forma, o objeto, ou seja, a forma, permanece como testemunha atual da ação sendo assim, história materializada. Estas possuem um conteúdo que detém sua história passada, presente e a sugestão de seus usos possíveis. A análise de seu conteúdo é o que permitirá seu conhecimento.

Conforme afirma SANTOS (op. cit. p., 91), é através das formas que a sociedade se geografiza atribuindo-lhes um função que ao longo da história vai mudando. Quando a sociedade atua sobre o espaço o faz sobre os objetos ou sobre as formas como realidade social, ou seja, como forma-conteúdo, objetos sociais

já valorizados os quais a sociedade busca oferecer ou impor um novo valor. A ação se realiza sobre objetos já trabalhados, isto é, portadores de ações concluídas, mas ainda presentes”<sup>4</sup>.

A forma-conteúdo não pode ser considerada só como forma ou só como conteúdo. A cada evento a forma se recria. Os acontecimentos, por sua vez vão encaixar-se na forma-conteúdo mais adequada as funções que são portadoras. Assim, desde o momento em que o acontecimento se dá, a forma, ou seja, o objeto que o acolhe, ganha outra significação. Dessa forma, a idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. A análise deve considerá-los em conjunto já que interpretados separadamente pode conduzir a graves erros, uma vez que, como afirma SANTOS, nem a forma nem a vida têm existência autônoma; forma e conteúdo vistos separados existem como verdades parciais. Tratar o espaço geográfico como o resultado da conjugação entre sistemas de objetos e sistemas de ações permite segundo SANTOS, transitar do passado ao futuro mediante a consideração do presente<sup>5</sup>. Dessa maneira, para a geografia, as formas-conteúdos correspondem ao ponto de partida sugerido por SANTOS para a análise do processo de produção e organização do espaço geográfico, referencial que será adotado na presente pesquisa.<sup>6</sup>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A cidade de Cajazeiras: breve histórico

A cidade de Cajazeiras se desenvolveu em uma área que funcionava como fim de rota de gado do Alto Sertão Paraibano. Fundada em 22 de Agosto de 1863, data essa escolhida propositalmente em homenagem ao seu Benfeitor Padre Inácio de Souza Rolim, bisneto de um dos primeiros ocupadores dessa área, a cidade de Cajazeiras se localiza a aproximadamente quatrocentos e oitenta quilômetros da Capital paraibana. Em 1929 o Vigário implantou na Fazenda de seus pais a Escola denominada “Escolinha de Serraria”, a primeira e única da região durante muito tempo e que mais tarde viria a se tornar Colégio. Era no Colégio Padre Rolim que os filhos das elites de toda esta parte do Sertão paraibano e de outros estados vizinhos realizavam sua formação básica. Com o crescimento do Colégio muitas moradias, provavelmente de pessoas que vinham de regiões próximas atraídas pelo desenvolvimento do lugar, surgiram.

Não apenas pelo ícone educacional, o desenvolvimento desta cidade também contou com o empuxo da agricultura (milho, feijão e algodão) com destaque econômico para o algodão, que na década de 20 encontrou demanda altíssima no mercado exterior, e trouxe para a cidade os primeiros caminhões e a abertura da ferrovia. Em virtude disso, segundo o Banco do Nordeste (1978), Cajazeiras se tornou o terceiro centro populacional da microrregião.

No início dos anos setenta, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC) a cidade passa a oferecer cursos de nível superior. Na atualidade a cidade recebe o título de Pólo Regional Educacional, mantendo em sua jurisdição várias instituições de ensino, entre públicas e privadas, que oferecem cursos técnicos e de nível superior, merecendo destaque para o Centro de Formação de Professores – C.F.P., da Universidade Federal de Campina Grande.

Assim como na criação do Colégio Padre Rolim em meados do século XIX<sup>7</sup>, hoje todo esse aparato educacional é responsável não somente por um importante fluxo de estudantes procedentes tanto de regiões circunvizinhas, como também de outros estados. Essa confirmação de Cajazeiras como pólo educacional, sobretudo nesta última década, tem permitido significativas transformações tanto na sua forma como no seu conteúdo.

### O PERÍMETRO URBANO DA CIDADE DE CAJAZEIRAS

A área urbana de Cajazeiras totaliza aproximadamente vinte e dois quilômetros quadrados. O sítio no qual se desenvolveu a cidade, apresenta as características naturais típicas das baixas Superfícies Pediplanadas Sertanejas. O substrato está formado por rochas cristalinas e metamórficas do Pré-Cambriano, sobretudo, gnaisses e granitos. Os solos, no geral, são pouco desenvolvidos. Em algumas áreas, entretanto, o manto de alteração apresenta-se mais espesso podendo-se encontrar solos mais desenvolvidos. Os afloramentos rochosos são comuns, formando extensos lajedos.

Na sua porção sul os afloramentos ganham maiores proporções identificando-se grandes blocos de matacões. Neste mesmo setor destaca-se a área conhecida como “Morro do Cristo”, que

---

<sup>4</sup> Ibid., pp., 89, 91 y 105.

<sup>5</sup> Ibid., p. 83 y 86.

<sup>6</sup> Ibid., p. 64.

<sup>7</sup> Não há um consenso quanto à data de fundação do Colégio Pe. Rolim. Uns afirmam que se deu em 1837. Os historiadores paraibanos, entretanto, dizem que sua criação data de 1843.

representa o mais expressivo exemplo de maciço residual inserido no perímetro urbano. Com altitude notadamente superior às áreas circunvizinhas está composto por blocos de matações com dimensões variadas, característico de alterações intempéricas resultantes das condições de semiáridéz.

Com altitude em torno dos 300m o município apresenta relevo pouco movimentado e moderadamente dissecado. No geral as vertentes são suaves formando pequenos vales com rios intermitentes, na sua maioria canalizados, e utilizados como receptores de dejetos domésticos. Do mesmo modo, trata-se de áreas, atualmente, incorporadas aos espaços de crescimento da cidade.

## A ORGANIZAÇÃO INTERNA DA CIDADE

Tradicionalmente, a definição das áreas da cidade, esta entendida como “um conjunto de usos diferenciados justapostos” (CORRÊA, 1989) e sua valorização diferenciada está vinculada às amenidades apresentadas pelas diversas partes que a compõem, sejam estas naturais ou artificiais. A princípio, quando o Brasil ainda se definia como um país agrário, as pequenas cidades reuniam um contingente populacional pouco importante. A partir dos anos 70 do recém concluído século o país torna-se urbano. SANTOS, M. (1980) afirma que antes deste período existia um Brasil rural e um Brasil urbano. Nas últimas décadas, entretanto, a população brasileira passa a viver nas cidades. Esta constatação não permite mais falar neste Brasil. O Autor fala hoje de um Brasil Agrícola e um Brasil Urbano.

Essa transferência da população para a cidade resultou em importantes mudanças nesse novo urbano. Ainda que os expoentes da geografia urbana brasileira tenham dedicado grande atenção para as cidades grandes e médias, estas mudanças, ainda que com uma modelagem diferenciada, já que se trata de espaços distintos, também tem resultado em uma nova organização das pequenas cidades.

O crescimento demográfico pode ser considerado como o primeiro elemento que interfere na organização intraurbana da cidade. Cresce a população e com ela novas áreas são incorporadas ou anexadas a partir da criação de loteamentos ou simplesmente como crescimento espacial espontâneo. Paralelo ao processo de localização das novas camadas de população recém chegadas à cidade, ocorre, de forma gradual, a realocação de parte dos antigos moradores, por razões relacionadas, em sua maior parte à fatores relacionados à especulação imobiliária resultando em uma reorganização do espaço urbano. Ocorre um processo de valorização e revalorização do espaço.

Essa (re)valorização, entretanto, é mutável no tempo e no espaço refletindo a própria dinâmica da sociedade e do espaço geográfico. Assim, áreas que em uma determinada época tinham a preferência da população abastada podem em um período posterior entrar em decadência. O inverso e a valorização de novos espaços também é comum ocorrer. Neste último caso, este resulta, sobretudo, de fatores ligados por um lado à especulação imobiliária e de outro ao crescimento urbano o que implica em crescimento demográfico e espacial da cidade.

Assim, a produção e organização da cidade refletem diversos fatores, estando diretamente intimamente relacionado à distribuição do que Milton Santos (1996) define como sistemas de objetos e dos sistemas de ações. Entendemos que a localização da população na cidade e tudo que isso envolve está diretamente relacionado com o poder aquisitivo da população, afinal, o que vai definir o “onde eu vou morar” é o meu poder aquisitivo. Este aspecto representa, ao nosso ver, uma importante variável a ser considerada quando se deseja entender a organização intraurbana da cidade, sobretudo da pequena cidade.

Segundo o Zoneamento Urbano realizado pela Prefeitura Municipal (2002) a cidade de Cajazeiras encontra-se dividida em quatro zonas. São elas: a) Zona Centro, composta pelo Centro Comercial<sup>8</sup> e pelo Centro Residencial; b) Zona Norte<sup>9</sup>; c) Zona Sul<sup>10</sup> e, Zona Oeste<sup>11</sup>. Para esta etapa da

---

<sup>8</sup> As áreas referentes ao setor Circundando pelas ruas Tenente Arsênio, Arquimedes Gomes de Souza, margeando o canal que liga a rua Arquimedes Gomes de Souza até a rua João Rodrigues Alves também são consideradas como Centro Comercial. A área circundada pelas avenidas João Rodrigues Alves, Júlio Marques do Nascimento Severino Cordeiro, Dr. Aldo Matos de Sá até o Hospital Regional, Odilon Cavalcante até o ponto inicial da Rua João Rodrigues Alves são consideradas zona de expansão do centro comercial.

<sup>9</sup> A partir da ponte do canal do Açude Grande, Rua Padre Ibiapina contornando o Colégio Diocesano, margem direita do Açude Grande, Conjunto Mutirão, Pio X, Loteamento Belo Horizonte, Conjunto Casas Populares, Loteamento Jardim Europa e toda área do Campus da UFCG, seguindo pela Via Norte até a ponte, divisa coma a Rua Benedito Gomes de Sousa, margem direita do sangradouro até a ponte da Rua Padre Ibiapina (Colégio Diocesano). Caracteriza-se como eixo de expansão comercial: as avenidas Júlio Marques do Nascimento e Severino Cordeiro.

<sup>10</sup> A partir do final da Rua Arquimedes Gomes de Sousa porção leste do muro do Seminário Nossa Senhora da Assunção, loteamento Paraíso Tropical até a BR-230, confluências com a Rua Vitória Bezerra limitando-se com Zona Centro, Ruas Romualdo Rolim e Engenheiro Carlos Pires de Sá. A rua Francisco Aprígio Nogueira caracteriza-se como eixo de expansão comercial.

<sup>11</sup> A Partir do Colégio Estadual, toda margem esquerda do Açude Grande, até o Posto Fiscal Nilson Lopes BR-230, a Rua Vitória Bezerra (limite da Zona Sul) e a Rua Romualdo Rolim no limite da Zona Centro. A rua Pedro Moreno Gondin caracteriza-se como eixo de expansão comercial.

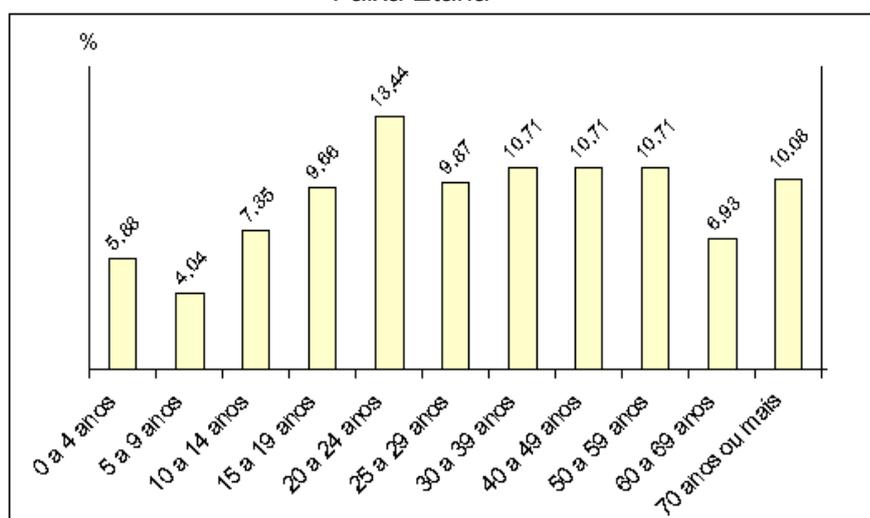
presente pesquisa nos limitamos a dois bairros da denominada Zona Norte da cidade. São eles: Casas Populares e IPEP<sup>12</sup>. Foram aplicados cento e vinte questionários (ver modelo em anexo) que contemplam perguntas objetivas e subjetivas relacionadas as condições sócio-econômicas da população. Os aspectos considerados no questionário atendem parte dos objetivos inicialmente definidos no projeto, ou seja, definir e analisar o perfil sócio-econômico da população urbana, identificar e mapear os diferentes usos do solo, identificar e analisar a distribuição da população e, identificar e analisar as forças que podem explicar a atual organização do espaço urbano.

## OS BAIROS DE CASAS POPULARES E IPEP E SEU CONTEÚDO SÓCIO-ECONÔMICO

Os bairros de “Casas Populares” e “Ipep” estão localizados na periferia norte da cidade de Cajazeiras. Trata-se de dois conjuntos habitacionais populares construídos pelo Estado na década de 1970. Pensado para atender a crescente demanda por parte da população menos favorecida, quarenta anos depois da sua construção, estes dois bairros ainda mantêm muitas das características originais, ou seja, abriga uma parcela da população que apresenta um conteúdo sócio-econômico típico das populações de baixa, aspecto este reforçado pelos padrões das habitações.

A aplicação dos questionários permitiram definir um perfil da população que reside nesta parte da cidade. Os dados referentes à faixa etária mostra que nesta parte da cidade predomina uma população composta sobretudo por adultos jovens, ou seja, trata-se de uma área onde a maior parte dos moradores encontra-se em fase produtiva, contrastando com um efetivo relativamente reduzido de crianças (idade entre zero e nove anos), adolescentes (dez e dezenove anos) e pessoas com mais de sessenta anos.

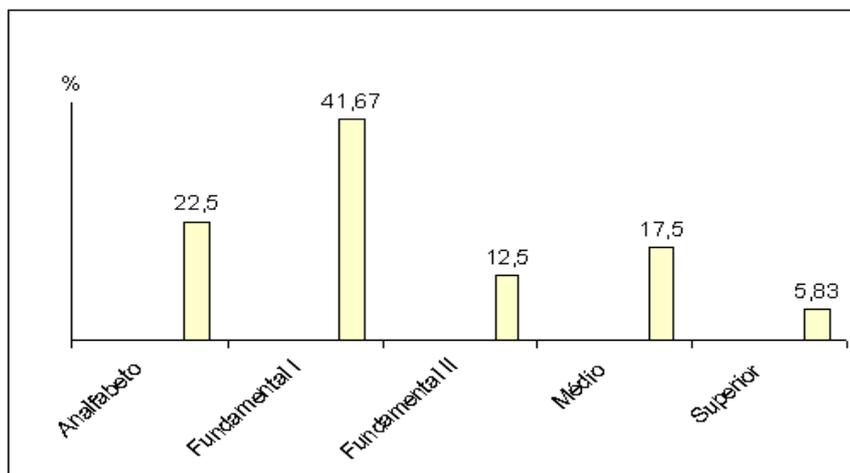
**GRÁFICO 01**  
Faixa Etária



Por outro lado, os dados referentes ao grau de instrução do responsável, o que inclui a população com idade a partir dos vinte anos, revelam um baixo nível de instrução. Os números mostram que aproximadamente setenta e cinco da população sequer possuem o ensino médio. Somente uma parcela mínima possui nível médio e superior (ver Gráfico 02).

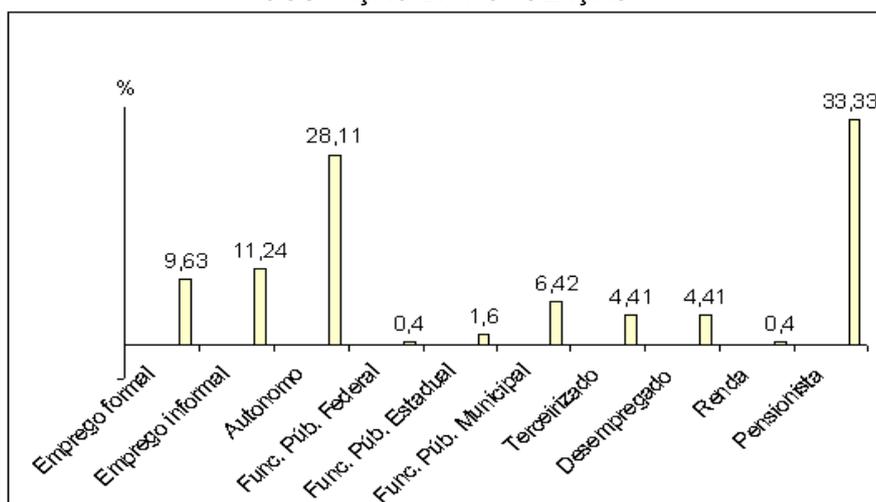
**GRÁFICO 02**  
Nível de Escolaridade do Responsável

<sup>12</sup> A zona Norte da cidade de Cajazeiras compreende os bairros de Casas Populares, Ipep, Jardim Europa, Pio X, Por do Sol e Sol Nascente.



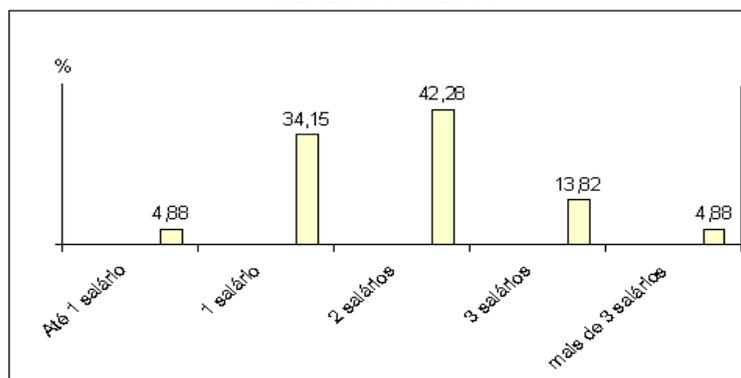
Ao considerarmos os dados sobre a *ocupação da população*, constata-se primeiramente que uma significativa parcela da população está representada por pensionista (33,33%), ou seja, não desempenha nenhuma função. Pouco mais de 25% tem emprego formal (12% são funcionários públicos e menos de 15% declararam ter emprego formal) e quase 40% vivem na informalidade (ver gráficos 03).

**GRÁFICO 03**  
OCUPAÇÃO DA POPULAÇÃO



Os dados sobre a renda média familiar mostram que trata-se de um população de baixa renda. A pesquisa mostrou que em quase 80% dos domicílios visitados as famílias percebem entre um e três salários mínimos (ver gráfico 04).

**GRÁFICO 04**  
RENDA FAMILIAR



Estes quatro indicadores reforçam a hipótese levantada na introdução. Se considerarmos que a ocupação da população ou a área de atuação do indivíduo está diretamente ligada ao nível de instrução e este se apresenta como fator determinante na definição dos rendimentos, a localização da população na cidade será função de sua realidade salarial. Desta forma a população, através do seu poder aquisitivo não somente interfere na organização da cidade como define esta organização, criando na cidade áreas diferenciadas tanto na sua forma como no seu conteúdo.

No caso desses dois bairros não se pode deixar de fazer referência à localização nas suas mediações do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Ainda que se trate de um objeto geográfico bastante importante no que se refere ao seu potencial de transformação do lugar, de uma possível valorização do entorno, mudança do seu conteúdo, até o momento, a pesquisa mostrou que a instalação do Campus da UFCG pouco ou nada mudou a realidade desta parte da cidade. No geral permanecem as velhas formas com seus velhos conteúdos. Trata-se de uma parcela da população que encontra no seu poder aquisitivo o seu lugar na cidade.

## Anexos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**PROJETO DE PESQUISA – PIBIC/CNPQ**

**TÍTULO DO PROJETO:** População e Organização do Espaço Urbano da Cidade de Cajazeira:PB

**PROFESSOR RESPONSÁVEL:** Dr. Josenilton Patrício Rocha

**ALUNA BOLSISTA:** Grazielle Ferreira de Almeida

### DADOS DO DOMICÍLIO

1. Espécie:

- Particular permanente
- Particular improvisado
- Coletivo

2. Tipo:

- Casa
- Apartamento
- Cômodo

3. Este domicílio é:

- Próprio – Já pago
- Próprio ainda pagando
- Alugado
- Cedido por empregador
- Cedido de outra forma

4. O Terreno em que se localiza este domicílio é:

- Próprio
- Cedido
- Outra condição

5. A forma de abastecimento de água utilizada neste domicílio é:

- Rede geral
- Poço ou nascente
- Outra

6. A água utilizada neste domicílio chega:

- Canalizada em pelo menos um cômodo
- Canalizada só na propriedade ou terreno
- Não canalizada

7. O escoadouro deste banheiro ou sanitário é ligada a:

- Rede geral de esgoto ou pluvial
- Fossa séptica
- Fossa rudimentar
- Vala
- Rio ou lago
- Outro escoadouro

8. O lixo deste domicílio:

- É coletado por serviço de limpeza
- É queimado
- É enterrado
- É jogado em terreno baldio ou logradouro
- Jogado em rio
- Tem outro destino

9. Área construída?

Frente: \_\_\_\_\_ Fundo: \_\_\_\_\_

10. Qual a área total?

---

11. Quantos cômodos possui o domicílio?

Sala	( ) 1	( ) 2	( ) 3 ou mais
Cozinha	( ) 1	( ) 2	( ) 3 ou mais
Banheiro	( ) 1	( ) 2	( ) 3 ou mais
Quarto	( ) 1	( ) 2	( ) 3 ou mais

## CARACTERISTICAS DOS MORADORES

1. Quantos moram neste domicílio?

---

2. Faixa etária dos moradores do domicílio:

- 0 a 4 anos
- 5 a 9
- 10 a 14
- 15 a 19
- 20 a 24
- 25 a 29
- 30 a 39
- 40 a 49
- 50 a 59
- 60<sup>a</sup> 69
- 70 ou mais

3. Qual o grau de instrução do responsável? Qual Ocupação?

---

4. Qual a renda total do domicílio? (em salários mínimos)

---

5. Por que mora aqui?

---

6. Quantos trabalham?

---

7. Quem trabalha?

---

8. Há algum pensionista?

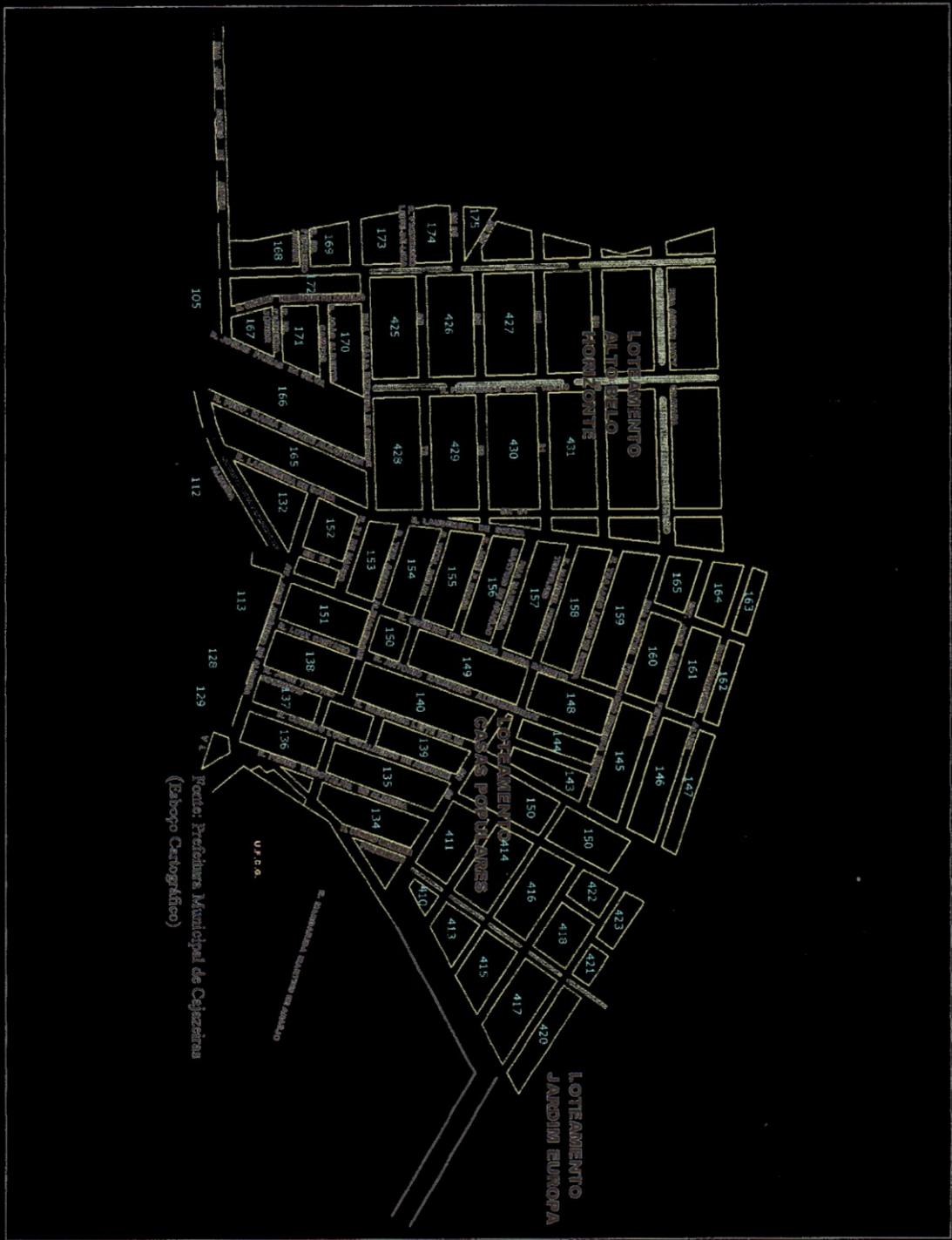
---

**MAPA 01**  
Município de Cajazeiras



Fonte: Prefeitura Municipal de Cajazeiras  
(Esboço Cartográfico)

MAPA 02  
Município de Cajazeiras  
Bairros da Zona Norte



## BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. **Censo Demográfico 2000**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Brasília, 2000.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 6ª ed., Contexto: São Paulo, 2001. (Coleção Repensando a Geografia).
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano – novos escritos sobre a cidade**. Contexto: São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. & CARRERAS, Carles. (Orgs.) **Urbanização e Mundialização. Estudos sobre a metrópole**. Contexto: São Paulo, 2005.
- \_\_\_\_\_. OLIVERIAS, A. U. **Geografia das metrópoles**. Contexto: São Paulo, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª ed., Paz e Terra: São Paulo, 2007.
- CHALINE, Claude. **La dinâmica urbana**. Madrid: Instituto de estudios de administración local, 1981 (tradução)
- CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo. Difel, 1985.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. Ática: São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. 4ª ed., Ática: São Paulo, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. (O Espaço Urbano: notas teóricas metodológicas).
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Boitempo Editorial: São Paulo, 2006 (Tradução).
- ELIAS, Denise. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: Elias, D., Pequeno, Renato (orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Banco do Nordeste do Brasil: Fortaleza, 2006.
- FAISSOL Speridião et all. **Sociedade global, cidade global, um mundo só: uma discussão da globalização**. Ver. Brás. Geogr. Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 67-100, abr./jun de 1995.
- FORBES, D. K. **Uma Visão Crítica da Geografia do Subdesenvolvimento**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Loyola: São Paulo, 1992 (Tradução).
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Loyola: São Paulo, 2005 (Tradução).
- IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. 4ª ed., Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1996.
- KOGA, D. **Medidas de cidades. Entre territórios de vida e territórios vividos**. Cortez editora: São Paulo, 2003.
- ORTEGA VALCÁRCEL. Los horizontes de la geografía. Ariel geografía. Barcelona, 2000.
- RODRIGUES, Arlete Moisés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 3ª ed., Contexto: São Paulo, 1990.
- ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. 3ª., Brasiliense: São Paulo, 1994 (Coleção Primeiros Passos).
- RODRIGUES, Rosicler Martins. **Cidades brasileiras. – O passado e o presente**. Moderna: São Paulo, 1992 (Coleção Desafios).
- SANTOS, Milton. Uma tentativa de definição do espaço. In: **Por uma geografia nova**. 3ª ed., Hucitec: São Paulo, 1990.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. 1ª ed., Hucitec: São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. Hucitec: São Paulo, 1993.
- SENE, Eustáquio. **Globalização e espaço geográfico**. 2ª ed., Contexto: São Paulo, 2004.
- SPÓSITO, Maria da Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. Contexto: São Paulo, 1998.
3. SPÓSITO, E. S.; SPÓSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. **Cidades Médias. Produção do espaço urbano e regional**. 1ª ed., Expressão Popular: São Paulo, 2006.

## PUBLICAÇÕES AVULSAS

Revista Banco do Nordeste. Setembro 1978, Fortaleza-CE.(?)  
Livro do Município de Cajazeiras. João Pessoa, UNIGRAF- União Artes Gráficas Ltda. 1984.  
Revista Conterrâneos: a revista de é do Banco do Nordeste. Nº 15. Nov/Dez 2008- Edição Bimestral.